

ARTIGO

A explicação psicanalítica do mito e do sonho

Antonios Terzis¹

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RESUMO

O presente estudo em sua primeira parte visa, primeiramente, a compreensão dos sonhos e compara-se o seu mecanismo com o dos mitos. Na segunda parte, são descritos aqueles fenômenos psíquicos que criam idéias e desejos, os quais, devido à sua periculosidade, são reprimidos no inconsciente para constituírem, assim, o material a partir do qual são criados os mitos. É evidenciado que a teoria freudiana refere-se ao inconsciente como local de armazenamento dos desejos reprimidos que, sob determinadas condições, reaparecem na produção dos sonhos, mitos e obras de arte.

Palavras-chave: Psicanálise; sonhos; mitos.

The psychoanalytic explanation of myth and dream

ABSTRACT

The present study consists of two parts. The first one aims at an understanding of dreams and the comparison of their mechanisms to those of the myths. In its second part those phenomena are described which produce ideas and desires repressed in the unconscious because of their dangerous contents and where they become the material from which myths are made. It is evident that the Freudian theory refers to the unconscious as a place for storing repressed desires, which under certain conditions reappear through the production of dreams, myths and works of art.

Keywords: Psychoanalysis; myth; dream.

La explicación psicanalítica de los mitos y sueños

RESUMEN

El presente trabajo tiene por objetivo inicial la comprensión de los sueños, comparando su mecanismo al de los mitos. A continuación se describen los fenómenos psíquicos que producen ideas y deseos, que debido a su peligrosidad son reprimidos em el inconsciente, dando lugar al material a partir del cual los mitos son creados. Es evidente que la teoría freudiana se refiere al inconsciente como el local donde se almacenan los deseos reprimidos, los cuales sobre determinadas condiciones reaparecen en forma sueños, mitos, y obras de arte.

Palabras clave: Psicoanálisis; mitos; sueños.

A abordagem freudiana dos mitos assinala que na criação e na formação deles, os desejos reprimidos e os pensamentos de uma comunidade humana desempenham um papel importante, a qual cria os seus mitos utilizando material que foi extraído do inconsciente coletivo do grupo. Essa constatação muito geral da escola freudiana não assegura, como se espera, uma aplicação uniforme da teori). As idéias e os desejos podem ser reprimidos no inconsciente. Contudo, como isso ocorre? Que idéias são essas que estão mais freqüentemente sujeitas a serem reprimidas? Por que são reevocadas e que mecanismo auxilia na sua reaparição? Se o motivo pelo qual são reprimidas se deve ao fato de serem perigosas para a saúde psíquica da comunidade, então como algumas delas conseguem escapar ao seu mecanismo de censura? Finalmente, teria sido realmente Édipo o primeiro herói, que se constatou na literatura ocidental, a ser movido por sentimentos hostis contra seu pai para obter o amor absoluto de sua mãe? Em que grau todos os homens ocidentais, instigados pelo amor, expressam seus primeiros instintos de posse por suas mães?

Para a compreensão do mecanismo de criação do mito, de acordo com a teoria freudiana, faz-se necessária à mobilização de determinadas teorias de Freud que foram formuladas já nas suas primeiras obras: na *A interpretação dos sonhos* (1900) e nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Na primeira delas descreve-se o funcionamento dos sonhos e compara-se o seu mecanismo com o dos mitos, enquanto na segunda são arrolados e descritos aqueles fenômenos psíquicos que criam idéias e desejos, os quais, devido a sua periculosidade, são reprimidos no inconsciente para constituírem assim o material a partir do qual, de acordo com a teoria de Freud e seus seguidores, são plasmados os mitos.

OS SONHOS E OS MITOS

Segundo a teoria freudiana, o mecanismo da criação e do funcionamento do sonho é a chave para a compreensão dos mecanismos correspondentes do mito (Freud, 1900). Como, porém, os sonhos se ligam aos mitos? Cada sonho é constituído, quando o analisamos, por

dois níveis: o conteúdo *aparente* e o *latente*. O conteúdo aparente é aquele que lembramos, uma breve história que pode ser absurda. O latente é o conjunto das idéias que se associam entre si e se metamorfoseiam no conteúdo aparente. O latente é o conjunto das idéias que se associam entre si e se latente no conteúdo aparente de *interação do sonho* (*dreamwork*), que é, de certo modo, uma tradução de uma língua para outra e ocorre no momento em que as idéias passam do território do inconsciente para o da parte consciente da mente, atravessando igualmente por um estágio pré-consciente.

Na duração dessa passagem as idéias são submetidas a modificações indispensáveis (Freud, 1990). Por conseguinte, os sonhos são constituídos por dois níveis, o nível aparente e o latente, uma vez que o material a partir do qual eles são criados provém de pensamentos perigosos e de sentimentos incômodos que foram reprimidos no inconsciente por meio do processo de censura. Essa censura é reprimida momentaneamente durante o sono, mas apenas algumas vezes, já que a expressão plena destas idéias inconscientes provocaria sentimentos de agonia e de culpabilidade no sonhador. Deste modo, uma censura parcial continua a dissimular as idéias reprimidas, as quais, durante o sono, são reevocadas e introduzem-se novamente na parte consciente da mente. Além do mais, devido ao processo de dissimulação, o qual possibilita a expressão de idéias reprimidas, o sonhador pode desfrutar o seu sono tranqüilamente, enquanto é aliviado da carga dos pensamentos proibidos ou perigosos à sua saúde psíquica. *A saúde psíquica de um indivíduo é assegurada pelos sonhos*, como demonstraram igualmente estudos clínicos em indivíduos impedidos sistematicamente de sonhar e que comprovaram que eles desenvolveram sintomas psicopatológicos ao longo do dia (Caldwell, 1989; 1974).

Como, porém, o funcionamento do sonho se liga ao funcionamento dos mitos? Por toda a obra de Freud encontra-se disseminado o ponto de vista de que o material dos sonhos reaparece igualmente nos mitos, nas lendas e nas credices populares, bem como nas anedotas da vida cotidiana (Freud, 1900; Abraham, 1909). De modo semelhante aos sonhos, o funcionamento básico dos mitos reside na representação consciente dos medos e desejos inconscientes (isto é, reprimidos) no nível social e coletivo: assim, no nível pessoal, em vez de termos um indivíduo que sonha para se aliviar da tensão que provoca pensamentos perigosos, temos, no nível social, os membros de toda uma comunidade tentando reconciliar ilusões e situações inconscientes que se ligam a ações proibidas, como o incesto, o homicídio, a hostilidade entre irmãos, etc. E assim como nos sonhos a censura jamais é suprimida completamente, também nos mitos as idéias inconscientes aparecem dissimuladas para escapar ao seu reconhecimento pela parte consciente da mente (Caldwell, 1989).

Nos mitos, esse processo de dissimulação acontece quando uma simples ilusão inconsciente, que contém um medo ou um desejo reprimido, metamorfoseia-se em uma explicação prolixa e complexa. Isto pode ser obtido através de diferentes mecanismos psíquicos, com a terminologia dos quais estão familiarizados todos aqueles que já foram

iniciados em psicologia: *concentração de uma idéia* (quando várias idéias do nível latente são representadas por apenas uma idéia no nível aparente) e *transposição de uma emoção* (quando as emoções que acompanham uma idéia vinculam-se a uma outra idéia aparentemente dessemelhante). A transposição pode assumir diferentes formas: aparece como *simbolismo*, *dissociação* e *projeção* (Freud, 1900). A presença de um símbolo no mito, com a carga emocional que o acompanha, sugere também a sua interpretação. Assim, a impotência de Íficlo², filho do rei de Fílace, foi curada apenas quando foram decodificados os símbolos de um episódio da vida infantil do jovem príncipe: quando ele era pequeno, seu pai o aterrorizou com um punhal ensangüentado e o cravou, em seguida, no tronco de uma árvore. O punhal, símbolo fálico, cravado no que se considera representar o órgão genital feminino, remete a uma experiência traumática de natureza sexual que Íficlo havia tido quando criança. Ou talvez, a ameaça de o pai encarnar o medo da castração, do qual o jovem príncipe é libertado quando descobre o punhal e o seu simbolismo. O mecanismo da *dissociação* ocorre quando dissociamos uma idéia em duas idéias contrárias com relação ao seu conteúdo: o afirmativo e o negativo. Como exemplo, podemos dissociar a figura da mãe na forma da boa mãe e na da madrasta perversa. O mito de Atamas, de Néfele e de seus filhos, Frixo e Hélen, que é citado a seguir, constitui um exemplo mais apropriado.

Atamas desposara, em primeiras núpcias, Néfele, que lhe dera um filho, Frixo, e uma filha, Hélen³. Depois, ele repudiou Néfele e se casou com Ino, filha de Cadmo. Deste segundo casamento nasceram dois filhos, Learco e Melicertes. Mas Ino odiava os descendentes de Néfele e exortou Atamas a sacrificar Frixo e Hélen. Quando ambos estavam prestes a serem imolados, Néfele deu a seus filhos um carneiro com um velo de ouro, presente de Hermes, que arrebatou pelos ares os dois jovens, livrando-os do perigo (Apolodoro, *Biblioteca*, 1.9.1). Desse modo, todas as boas feições da mãe “dissociada” concentram-se na pessoa da mãe real, Néfele, enquanto o caráter de Ino reflete as feições ameaçadoras da mãe que, algumas vezes, sentimos que odiamos. Na essência, no entanto, cada figura maternal é uma junção das duas feições (Caldwell, 1989).

Por fim, o modo mais evidente pelo qual a categoria psicológica da *projeção* se expressa é a presença dos oráculos em todo o espectro do mundo grego antigo, a qual indica que atribuímos a uma produção de causas externas – à vontade venerável de um deus – aquilo que não ousamos aceitar como nossas próprias idéias e desejos pessoais. É desta maneira que Édipo “fica sabendo” que matará o seu pai e se casará com a sua mãe, enquanto, na essência, a resposta do oráculo não reflete nada mais que os seus desejos profundos.

Os mitos contêm, de acordo com os teóricos da análise pós-freudiana, idéias reprimidas, desejos e medos que se mostram na superfície em uma forma dissimulada ou distorcida no fluxo de uma longa narrativa. As idéias que estão mais sujeitas ao processo de repressão (e, por extensão, as idéias que predominam nos mitos e nos sonhos) são tipicamente as idéias da fase infantil e principalmente as idéias que se vinculam aos

pensamentos e comportamentos proibidos e perigosos – e capazes de provocar angústia e culpa – provenientes, sobretudo da esfera da vida sexual dos pais. Isso não significa que o problema mais importante das crianças é de natureza erótica, mas que esse tem maior probabilidade de estar sujeito ao processo de repressão. A diferença entre os sexos adquire uma importância cada vez maior na vida das crianças, bem como o comportamento sexual dos pais, especialmente essa atividade secreta que gera descendentes e satisfação e da qual elas próprias estão excluídas.

O funcionamento do processo de repressão dos desejos proibidos, que trata de conservar a saúde psíquica dos indivíduos e a sua livre inclusão na sociedade, é tão importante que Caldwell constata, com razão, que a diferença entre os seres humanos e os outros seres vivos provavelmente não reside no fato de os primeiros serem dotados de fala (isto é, de serem racionais), mas no fato de o seu mundo psíquico e intelectual ser suscetível ao processo de repressão (Caldwell, 1989).

As ilusões sexuais combinam-se com outras derivadas a ponto de criar na criança o *complexo de Édipo*, isto é, a fase na qual a criança exige a atenção e o amor exclusivo do progenitor do sexo contrário ao seu e enfrenta o progenitor do mesmo sexo como adversário ou inimigo que deve ser substituído (Freud, 1900; Caldwell, 1989). Situações edipianas não são encontradas apenas no mito de Édipo, mas igualmente em todos os mitos heróicos: em toda parte existe uma relação triangular entre um herói, o objeto proibido de seu desejo e uma figura que lhe impede de se aproximar desse objeto (Green, 1969). Habitualmente, as personagens que tomam parte na trama não são o filho, a mãe e o pai (como no mito de Édipo), mas uma relação triangular pode estar ausente ou alterada (por exemplo, em vez de alguém querer se unir à própria mãe pode desejar a sua irmã ou uma outra mulher com a qual não possui laços de parentesco, mas que apresenta semelhanças com sua mãe). Isso, no entanto, em vez de derrubar essa hipótese, a fortalece, tornando as coisas mais realistas, enquanto muito raras, pois de fato, os heróis dos mitos casam-se com suas mães! “Nos mitos, como na vida, aquilo que tem importância não é a identidade particular das personagens que participam da ação, mas antes a persistência de uma determinada estrutura e função” (Caldwell, 1989).

Na análise que vem a seguir dois campos são examinados em correlação: o funcionamento dos sonhos e a expressão do complexo de Édipo. O. G. Devereux (1976), que tem mostrado uma extensa e fecunda trajetória na aplicação das teorias freudianas no mito e na literatura clássica, dedicou uma monografia à interpretação dos sonhos na tragédia grega (*Dreams in greek tragedy: an ethno-psycho-analytical study* – “Os sonhos na tragédia grega: um estudo etno-psicanalítico”), na qual os sonhos são examinados não como elemento que impele ou subverte a trama da tragédia, mas como campo no qual se expressam e se comunicam desejos inconscientes que se ligam a fenômenos psíquicos; esses fenômenos estão relacionados principalmente com o despertar da sexualidade e com situações edipianas obscuras.

De modo significativo, faremos menção ao sonho que Ino narra a Prometeu, o Titã acorrentado, durante a sua atormentada perambulação pelo mundo, após ter sido metamorfoseada em uma novilha (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, 645-655). O sonho descreve como as visões noturnas visitam com freqüência a heroína e lhe falam de modo doce e sedutor [(...) *Aeí gâr ópseis énnukhoi p̄leúmenai/ es parthenonas toús emoús paregórroun / leíoisí mýthois*: “volteando sempre visões noturnas / junto ao virgíneo leito me exortavam / com doces falas”. Tradução de Ramiz Galvão, *Prometeu Acorrentado*, 645-647], exortando-a a abandonar a sua condição de virgem, que manteve por muito tempo, e a entregar-se ao desejo de Zeus na planície de Lerna, local onde eram apascentados os rebanhos de seu pai. Isso “aliviará” Zeus de seu desejo (o texto antigo é detalhado e por isso revelador: *h̄os an tò Dion ómma lophése póthou*: “e o ardor dos divos olhos desaltera”. Tradução de Ramiz Galvão, *Prometeu Acorrentado*, 654).

O sonho tem um conteúdo aparente: a conservação da virgindade por longo tempo – em um mundo onde habitualmente as meninas se casavam muito cedo – mostra uma persistência edipiana. O desejo de Zeus também se manifesta de maneira nítida: a ação de aliviar o “ardor dos olhos” de Zeus remete imediatamente ao falo divino e ao ato sexual, o qual, nos casos em que as mulheres mortais se unem aos deuses, dura apenas enquanto ocorre a satisfação momentânea do companheiro divino. O desejo já se manifestou, o local da cópula já está definido, a única coisa que falta é a decisão de a donzela se entregar [*sý d’ô paí, mè polaktíseis lékhos / tò Zenós* (“tu, donzela, não desdenhes o leito de Zeus”), *Prometeu Acorrentado*, 651-652].

Em uma segunda leitura, no entanto, são também revelados outros elementos que constituem o conteúdo oculto do sonho. A voz sedutora das visões noturnas de Ió é a sua própria voz, a qual, pondo de lado as proibições sociais, incita-a ao ato sexual, e, sobretudo edipiano, apesar de que essa incitação “dissimula-se” – de acordo com o mecanismo dos sonhos – em submissão à vontade do deus supremo. Como se constata o caráter edipiano do desejo? A figura do pai deve se “revestir” de um outro caráter, para que seja posta de lado a censura – a qual nunca é completamente suprimida, nem mesmo nos sonhos – e seja permitida a sua reparação na parte consciente da mente.

É lugar comum, segundo a concepção freudiana, que os deuses são concebidos de acordo com a imagem dos pais das crianças. Desse modo, é fácil entender Zeus-pai como o pai natural. Há também o interessante detalhe de que Ínaco, como deus-rio que é, é representado com um par de chifres e assemelha-se a Zeus, que assume a forma de touro para se unir à novilha-Ino (Ésquilo, *Suplicantes*, 301). Por fim, o local da cópula – uma planície, que é comumente um local em que ocorrem os encontros amorosos na literatura grega antiga – são os campos de pastagem do pai Ínaco, nos quais se apascenta apenas gado bovino, uma referência indireta e uma confusão intencional entre o rebanho e a forma que os futuros amantes irão assumir (Devereux, 1976).

Ino, após ter tido as visões, em vez de reagir de outra maneira, revela a seu pai as perturbações noturnas. Frequentemente, as heroínas que se encontram em semelhante dilema vão voluntariamente ao local do encontro ou são raptadas contra a vontade, e ambas as ações são praticadas às ocultas de seus pais. A revelação de Ino é uma *confissão* dos desejos edipianos. A reação do pai foi a de sondar a vontade dos deuses mediante a consulta a vários oráculos, os quais, a princípio, eram incompreensíveis. Quando, por fim, tornou-se manifesta a vontade divina, o pai expulsou a filha, acatando as ordens explícitas do sonho: a filha banida não pôde fazer nada além de se refugiar na região semi-selvagem de Lerna e ficar exposta aos “olhos” de Zeus. Em essência, Ínaco pune sua filha como se ela lhe tivesse confessado os seus desejos abertamente, e ele, após ter hesitado, avaliando os seus próprios desejos, decidiu por rejeitá-los.

Observamos que a psicanálise concede uma ênfase especial aos desejos infantis reprimidos e às ilusões que derivam da atividade sexual dos pais, da qual as crianças são excluídas, apesar de serem os produtos visíveis dessa atividade. Por conseguinte, a maioria das ações míticas se circunscreve a um número relativamente pequeno de fenômenos.

Os mitos são os produtos oníricos da idade infantil da humanidade (Abraham, 1913 [1909]: 72). Contudo, eles não refletem apenas os medos e as angústias infantis que concernem, sobretudo à sexualidade dos pais, mas funcionam, indubitavelmente, em vários níveis, um dos quais pode ser o psicológico. De fato, os mitos podem constituir-se a válvula de segurança por onde são canalizadas as tensões perigosas para a comunidade, ou ainda, a narrativa mítica pode constituir um campo apropriado à identificação de situações e personagens que refletem nossos desejos mais recônditos, os quais se realizam em nossos sonhos e fantasias, mas não na nossa vida cotidiana.

Paralelamente à complexidade e à múltipla função dos mitos, deve-se reconhecer que, dentre os mitos gregos, alguns têm um interesse especial para a interpretação freudiana, como o de Hipólito, de Medéia, das Bacantes, das Suplicantes e os mitos hesiódicos de sucessão. Os resultados que são hauridos pelos pesquisadores, os quais dominam também – excetuando-se o conhecimento das fontes antigas – os princípios da teoria freudiana da psicopatologia, são muitas vezes fecundos.

A investigação freudiana do mito, no entanto, não deve parar por aí. O reconhecimento das possibilidades do método, em conexão com os ensinamentos estruturais, que aceita igualmente a crítica aos seus princípios, também podem ser aplicados a uma análise dotada de rica imaginação, como atesta o artigo de Charles Segal, intitulado, muito a propósito, *Pentheus and Hippolytus on the couch and on the grid* (“Penteu e Hipólito no divã [da psicanálise] e na trama [da análise estrutural]”), 1978 –, o qual constata que esses métodos são mutuamente complementares e muitas vezes preenchem suas lacunas com uma síntese bem-sucedida.

É evidente que muitos dos ensinamentos da teoria freudiana foram incorporados à hodierna investigação do mundo. A referência ao inconsciente como local de armazenamento

dos desejos reprimidos, os quais, sob determinadas condições, reaparecem na produção de sonhos, mitos e obras de arte; a existência do complexo de Édipo, que deriva da sexualidade dos pais, e a relação anfibológica das crianças com a mãe e com o pai, são conhecidos por todos e o seu apelo já não exige nem mesmo uma relação bibliográfica: tornou-se uma aquisição comum a todos.

A luta da alma humana com os desejos socialmente condenáveis é, igualmente, algo que todos nós já constamos em nosso interior. As emoções perigosas são reprimidas, mas continuam a viver somente para encontrar os modos de satisfação que a vida real lhes negou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, K. **Dreams and myths**: a study of race psychology. New York: White, 1909.

CALDWELL, R. S. **The origin of the gods**: a psychoanalytic study of greek theogonic myth. New York: Oxford, 1989.

CALDWELL, R. S. Selected bibliography on Psychoanalysis and classical studies. **Arethusa**, v. 7, n. 1, p. 115-134, 1974.

DEVEREUX, G. **Dreams in greek tragedy**: an ethno-psycho-analytical study. New York: Oxford, 1976.

FREUD, S. (1900). Interpretação de sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GREEN, A. **Un oeil en trop**: le complexe d'Oedipe dans la tragédie. Paris: P.U.F., 1989.

SEGAL, C. Pentheus on the couch and on the grid. **Classical World**, v. 72, p. 129-148, 1978.

Endereço para correspondência

Antonios Terzis
E-mail: aterzis@uol.com.br ; aterzis@puc-campinas.edu.br

Recebido em 03/03/05.
1ª Revisão em 17/05/05.
Aceite final em 06/06/05.

¹ Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCCAMP.

² Eis o mito tal como ele se encontra na Biblioteca de Apolodoro:...*Filaco ficou maravilhado, e, quando soube que ele era um adivinho excelente, libertou-o e pediu-lhe que lhe dissesse como seu filho Íficlo poderia ter filhos. Melampo prometeu dizer-lho com a condição de que recebesse as vacas em troca. E após sacrificar dois touros, retalhou-os em pedaços e chamou os pássaros mânticos. Logo que um abutre apresentou-se, Melampo ficou sabendo por intermédio desse que, certa vez, quando Filaco estava castrando carneiros, esse depôs a faca, ainda*

ensangüentada, ao lado do Íficio, e visto que o menino amedrontou-se e pôs-se a correr, Fílaco cravou a faca num carvalho sagrado, cuja casca, crescendo ao seu redor, ocultou-a. Disse-lhe então o abutre que, se a faca fosse encontrada e ele raspasse a ferrugem e desse-a para Íficio bebê-la por dez dias, ele geraria um filho. Logo que soube desses fatos por meio do abutre, Melampo encontrou a faca e, tendo raspado a ferrugem, deu-a para que Íficio bebesse-a por dez dias, e assim ele teve um filho, Podarces (tradução direta do grego antigo por Luiz Alberto Machado Cabral).

³ Eis a versão como se encontra na Biblioteca de Apolodoro: *Dentre os filhos de Éolo, Atamas, que reinou sobre a Beócia, gerou um filho com Néfele, Frixo, e uma filha, Hélen. Casou-se novamente com Ino, da qual lhe nasceram Learco e Melicertes. Ino, tendo tramado contra os filhos de Néfele, convenceu as mulheres a tostarem o trigo. E elas, pegando-o às ocultas dos homens, assim o fizeram. Mas a terra, tendo recebido trigo tostado não vingou suas colheitas anuais. Por esse motivo, Atamas enviou uma comitiva a Delfos para saber como poderiam escapar da esterilidade. Ino persuadiu os enviados a dizerem que o oráculo havia lhes respondido que a esterilidade cessaria se Frixo fosse imolado em sacrifício a Zeus. Assim que Atamas ouviu isso, foi constrangido pelos habitantes do país e levou Frixo ao altar. Néfele, porém, arrebatou-o pelo alto, juntamente com sua irmã Hélen, e deu-lhes o carneiro do velo de ouro, o qual ela havia recebido de Hermes, pelo o qual eles foram transportados através do céu e atravessaram a terra e o mar (tradução direta do grego antigo por Luiz Alberto Machado Cabral).*